

O registro do léxico da língua portuguesa: breve histórico da lexicografia brasileira

*The register of the Portuguese language lexicon:
brief history of Brazilian lexicography*

ARTHUR BURITY ROSA

Graduando na Universidade Federal de Brasília (UnB)
E-mail: arthur.rosa66@gmail.com

JOÃO EDUARDO GUIMARÃES SANTOS

Graduando na Universidade Federal de Brasília (UnB)
E-mail: gs.joaoseduardo@gmail.com

VICTORIA REGINA ITALIANO ALVES

Graduando na Universidade Federal de Brasília (UnB)
E-mail: italiano.al.vick@gmail.com

Resumo: Lexicografia é uma área de estudos da Linguística que se dedica à organização do repertório lexical de uma língua. No presente artigo, analisamos o histórico da constituição dos registros lexicográficos do português, passando por dicionários portugueses e brasileiros, além de seus autores, objetivando a construção de um apanhado a respeito da formação da lexicografia em língua portuguesa. Para atingir este objetivo, os seguintes procedimentos foram realizados: conceituação de lexicografia, expondo sua importância para a identidade e a unidade político-linguística de uma nação; sintetização dos períodos históricos, analisando o cenário brasileiro e europeu; apresentação de problemáticas contemporâneas, para aproximar este tema do cenário cotidiano, maximizando a assimilação.

Palavras-chave: Lexicografia. Dicionários portugueses. Dicionários brasileiros.

Abstract: Lexicography is an area of linguistics studies dedicated to the organization of the lexical repertoire of a language. In this article, we analyze the history of the constitution of lexicographic records in Portuguese, including Portuguese and Brazilian dictionaries, as well as their authors, aiming to build an overview of the formation of lexicography in Portuguese language. To achieve this objective, the following procedures were carried out: conceptualization of lexicography, exposing its importance for the identity and political-linguistic unity of a nation; synthesis of historical periods, analyzing the Brazilian and European scenario; presentation of contemporary issues, to bring this theme closer to the daily scenario, maximizing assimilation.

Keywords: Lexicography. Portuguese dictionaries. Brazilian dictionaries.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Lexicografia é uma área de estudos dedicada à organização e registro do léxico, ou seja, das palavras de uma determinada língua, ocupando-se da produção de dicionários, instrumentos linguísticos que atuam como ferramentas utilizadas e desenvolvidas para o registro do uso de itens lexicais e seus significados ao longo da história. Os instrumentos linguísticos são considerados na sua relação com a sociedade e a história, no caso da lexicografia em língua portuguesa isto significa uma gama de conexões, visto que, sendo a língua de um povo colonizador, o português encontrou terreno fértil para desenvolvimento nas colônias, onde entrou em contato com os idiomas locais, no caso específico do Brasil, que é o foco deste trabalho, podemos contabilizar as línguas indígenas e os idiomas africanos trazidos pelos escravizados.

A questão histórica em lexicografia tem que ser considerada com seriedade, uma vez que o registro dos usos dos vocábulos é parte integrante da feitura dos dicionários, isto é, os dicionários apresentam mais de uma acepção para cada palavra e o que determina a ordem das acepções é justamente a cronologia de uso, dessa forma, os significados relacionados à determinada entrada podem aparecer em ordem da mais recente para a menos recente ou vice-versa, por isso alguns deles podem despertar percepções de que são preconceituosos, uma vez que correspondem a usos que não mais condizem com o pensamento social contemporâneo. Entretanto, é importante que esse registro continue a existir, uma vez que não apenas cataloga o significado atribuído à determinada palavra em dado período da evolução da língua, mas também assinala o progresso de pensamento da comunidade de fala, evidenciando suas crenças, preconceitos e sistemas de valores semióticos.

Este estudo está organizado da seguinte maneira: na seção 2 (*O dicionário português*), passaremos pelos períodos históricos dos dicionários portugueses, condensando em tópicos os eventos principais de cada período; na seção 3 (*O dicionário brasileiro*), iremos isolar o desenvolvimento brasileiro dos dicionários, evidenciando o que motivou a configuração do dicionário da época até os dias de hoje; na seção 4 (*O conflito contemporâneo*), traremos à tona alguns dos conceitos contemporâneos mal interpretados acerca dos dicionários, evidenciando porque devemos preservar essa ferramenta em vez de modificá-la; por fim, na seção 5 (*Considerações finais*), vamos sintetizar os principais pontos levantados neste trabalho e responderemos à pergunta “por que dicionários são importantes?”.

2 O DICIONÁRIO PORTUGUÊS

À medida que a língua portuguesa se desenvolvia e se tornava independente do latim, a prática de sua escrita exigiu naturalmente o registro das palavras utilizadas. Embora os dicionários de fato só fossem desenvolver no século XVI, desde o século XI uma espécie de pré-lexicografia se desenvolvia nos mosteiros da Europa (VERDELHO, 2002).

Baseando-nos no texto *Dicionários Portugueses, Breve História*, de Telmo Verdelho, apresentamos a seguinte síntese histórica da evolução dos dicionários apresentada pelo autor:

- A Pré-Lexicografia,
- A Fundação,
- Rafael Bluteau,
- A Modernização,
- A Contemporaneidade.

Com o intuito de entender as características de cada período, vamos destrinchá-las.

a) Pré-Lexicografia (Século XI - XV)

Este longo período foi marcado pelo registro do latim nos monastérios medievais e pela tradução da Bíblia para língua popular, graças à reforma de Lutero. Muito dessa fase se perdeu: poucos registros e listas de vocabulário escassas são tudo que nos resta desses séculos iniciais da escrita do português. Aqui cabe citar Frei Martinho de Arraiolos (c. 1170 - ?).

b) A Fundação (Século XVI - XVII)

Foi neste período, marcado pelas Grandes Navegações da superpotência de Portugal, que temos o início da dicionarização formal do português. Com o intuito de propagar a fé cristã, os jesuítas, que já tinham a prática escolar como função, realizaram as missões exploratórias nas terras de além-mar sob o alcance lusitano. Para propagar a fé, era necessária a comunicação entre a Companhia de Jesus e os estrangeiros, o que impulsionou o estudo de línguas estrangeiras e sua tradução, expandindo, por sua vez, a compreensão do próprio português. Destaca-se o trabalho de Jerónimo Cardoso (c. 1500 - c. 1569), Agostinho Barbosa (1590-1649) e Bento Pereira (1605-1681). Os dicionários dessa época já levantavam unidades gramaticais (sujeito, verbo, por exemplo), davam o valor semântico das palavras e apresentavam uma referência de ortografia.

c) Rafael Bluteau (Século XVII - XVIII)

A obra massiva e inovadora de Rafael Bluteau (1638 - 1734) se tornou referência para todos os dicionários a serem produzidos. Muitos estudiosos trabalharam a partir da obra de Bluteau, com reedições, apêndices e críticas, como Pedro José da Fonseca (1736-1816) e José Caetano (1690-post1757). Entre as grandes inovações desse pesquisador, se destacam a diferenciação entre língua nobre e língua plebeia; a relação da língua com a nação; o português como idioma independente, e não um derivado corrompido do castelhano; e a listagem dos antigos autores de dicionários, registrando seu esforço.

d) A Modernização (Século XVIII - XIX)

Com o desenvolvimento da Europa e as identidades nacionais em evidência, a academia estava mais sólida do que nunca. Esse período foi marcado pelas reedições de dicionários antigos, assim como a publicação de “guias de leitura”, que faziam a intercedência entre o leitor moderno e os dicionários clássicos, com notas, comentários e etimologias. Assim como havia pesquisas incoerentes, como a de Bernardo de Lima Bacelar (c.1736 - p.1787), defendendo que o português descendia diretamente do grego, também se destacavam importantes pesquisadores, como António de Moraes Silva (1755-1824) e Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744-1822). Salienta-se que, nessa fase, havia também dicionários de apoio literário, que continham sinônimos e estudos etimológicos para facilitar o criar poético. Este foi um trabalho desenvolvido, por exemplo, por Francisco José Freire (1719-1773) e Francisco Luís Ameno (1713-1793).

e) A Contemporaneidade (Séculos XX - XIX)

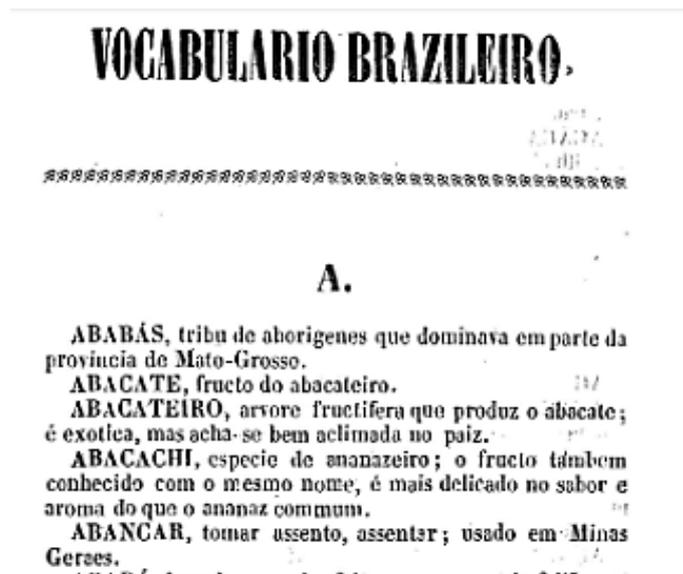
A fase final dos dicionários é plural e multimidiática. Com os avanços tecnológicos em constante evolução, há uma conexão como nunca antes vista entre pessoas e conhecimentos. É uma fase de grandes dicionários, obras associadas a outras áreas do conhecimento e voltadas para a educação abrangente do hoje, como o estudo de Artur Bivar (1871-1946). Existem também os dicionários específicos, focados em elementos da linguagem, como a ortografia, em Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1840 - 1914), e a morfologia, em Evaldo Heckler (1984). Por fim, salientam-se os trabalhos de lexicografia histórica, na qual se analisam textos antigos e deles se fazem dicionários especializados: para exemplificar, António Geraldo da Cunha é responsável pela produção de um dicionário de 1966 que partiu da análise de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

3 O DICIONÁRIO BRASILEIRO

O dicionário, assim como qualquer outro instrumento linguístico, se encontra em uma interface com a sociedade na qual (e para a qual) foi composto. A língua nacional é de grande importância para a constituição da identidade de um povo; no caso brasileiro, a língua nacional veio “pronta” do colonizador europeu, mas, aqui, encontrou um ambiente linguisticamente rico que estimulou o seu desenvolvimento em uma língua verdadeiramente nacional, uma língua brasileira, cujo percurso de evolução é longo e marcado pela autoridade acadêmica da metrópole portuguesa e é por isso que falar da história dos dicionários brasileiros é também falar da passagem da lexicografia portuguesa até a constituição de uma brasileira. Por exemplo, o *Diccionario de lingua portugueza*, de 1789, é considerado o primeiro dicionário monolíngue em português, mas, embora seu autor, António de Moraes Silva, fosse brasileiro, a obra foi publicada em Lisboa e liga-se à tradição lexicográfica europeia, não brasileira. Por volta do século XIX, surgem os dicionários parciais, assim chamados porque eram, segundo Nunes (2008, p. 354), “dicionários de complemento aos dicionários portugueses [...]”, incluindo-se aí

dicionários de regionalismos e brasileirismos, tal como o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, de 1853, de Braz da Costa Rubim, que traz entradas como “abacate” e “abacateiro”, itens vegetais muito populares e comuns no Brasil desde aquela época, porém menos (ou totalmente não) conhecidos em Portugal, o que justifica a sua presença em um dicionário parcial de vocabulário complementar, como pode ser visto na imagem abaixo:

Imagem 1 – Vocabulário brasileiro



Fonte: Rubim, 1853, p. 1.

Os dicionários monolíngues brasileiros só começam a “aparecer” a partir do século XIX. Somente no século XX, mais ou menos entre as décadas de 1930 e 1970, é que os dicionários *gerais* brasileiros se consolidam – gerais porque, nas palavras de Nunes (2008, p. 355), “Não se trata de dicionários que complementem os dicionários portugueses ou acrescentam elementos a eles, mas sim de obras que passam a funcionar como representativas de uma totalidade da língua praticada no Brasil.”

Percebe-se, então, que a constituição do conhecimento e obras metalinguísticas no Brasil têm um desenvolvimento emblemático e extremamente recente, o que não é surpresa, quando consideramos o fato de que já havia uma grande diversidade de obras e instrumentos linguísticos em língua portuguesa. Nas palavras de Orlandi:

Trata-se do caso em que há extensão do uso de uma língua já instrumentalizada (ou em curso de instrumentalização sobre um território dado) para outro território. É o caso que se produziu nas grandes colonizações ocidentais (inglesa, francesa, portuguesa, espanhola, na América, em especial). (ORLANDI, 1990, p. 15)

O Brasil era, então, um país jovem e em plena constituição de sua própria identidade nacional, mas que vinha de um passado colonial marcante, com uma literatura e um idioma já consolidados e instrumentalizados em gramáticas e dicionários, em um momento em que a recém ex-colônia ainda começava a “andar com

as próprias pernas”. É preciso considerar a existência de toda uma tradição em conhecimento metalinguístico do português que o Brasil herdou de maneira natural. O desenvolvimento de uma tradição própria, portanto, deveria passar, primeiramente, pela consideração daquilo que já existia e de como isso foi assimilado e misturado com outras referências (indígenas e africanas) em uma brasilidade linguística. A lexicografia no Brasil, então, se desenvolveu nas aras da tradição portuguesa, buscando referências na autoridade literária, isto é, no padrão de escrita dos grandes nomes da literatura como modelo ideal e didático. O resultado é uma idealização linguística, uma tradição de instrumentos linguísticos que se baseia numa língua ideal, afastando-se da língua viva e da fala popular, fluida e real. Como exemplo desse tipo de dicionário, Nunes (2008, p. 360) cita o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, cuja definição de “caminhar” disporemos aqui a título de comparação:

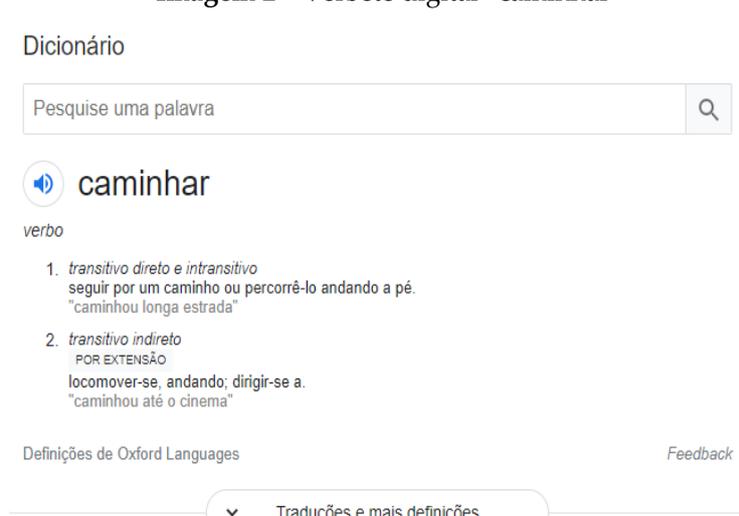
CAMINHAR. v.r.v. De *caminho* + *ar*. Percorrer caminho a pé; andar (*intr.*; *tr. ind.*, com prep. *até a, com, para, por*): “Nuno Álvares Pereira, naturalmente calado e de si pouco risonho, *caminhava* com os olhos baixos, e a cabeça pendida sobre o peito” (Rebêlo da Silva). “As outras obedecem-lhe, *caminham* quando ela ordena; são como filhas, são como escravas” (C. Neto). “Pôs-se a *caminhar* a passos largos, as mãos atafalhadas nos bolsos das calças” (Id.). “Eu *caminhava* a pé, guiando-me ao sabor da imaginativa ideia” (Camilo). “Ajudado por esta circunstância *caminhei* com passos lentos e sutis” (Herculano). “Moveuse e foi, quase de rôjo, *caminhando* de pés e mãos e mãos como os símios, lento, lento até junto do esqueleto” (C. Neto). “Vagarosamente *caminhou até* a porta do quarto” (Id.). “Pagens, o nosso abade padece de gota: talvez lhe custe *caminhar até* a capela” (Herculano). “E fê-lo *caminhar com* duas muletas” (Rui). “Por estar perto da cordoaria, donde vinha o rugido de um grande reboliço, *caminhou para* lá” (Camilo). “Dali a pouco, saindo ambos, *caminharam* silenciosos *pela* estrada *até a* um regato” (V. de Taunay). “*Caminham por* umbrosas colunatas de estrutura sem par” (Pôrto Alegre). “Dous amigos, ao *caminharem por* uma estrada, conversam ordinariamente em diversas matérias” (Odorico Mendes). || 2. Pôr-se em movimento; seguir, rodar (*intr.*; *tr. ind.*, com prep. *a, para*): “*Caminhávamos* enquanto os cavalos se podiam menear, e ficávamos onde nos colhia a noite” (Herculano). “Um frade bernardo alto, grosso e rubicundo, montado em uma possante mula branca, *caminhava à* frente da cavalgadura” (Id.). “*Caminha à* cordilheira; a serra avulta” (Pôrto Alegre). “A família real entrou no formoso côche, que se pôs a *caminharpara* Alcântara” (Corvo). || 3. Navegar, velejar (*intr.*): “*Caminha* o nauta, costeando as orlas de Gomeira” (Pôrto Alegre). || 4. Percorrer (o navio) uma distância (*intr.*) || 5. Viajar (*intr.*): “Limitou-se a recomendar ao moço válido, ainda desnudado no gesto, que só *caminhasse* de noite, e com jornadas curtas” (Herculano). || 6. Ir, dirigir-se (*tr. ind.*, com prep. *a, para*): “Estrepitosos rios despenhados com vastadoura queda *ao mar caminham*” (Odorico Mendes). “Vê que vou falar-te no tom do mártir que *caminha ao* seu fim sem voltar a face ao mundo que deixa” (Camilo). “*Caminhoupara* o soldado, sacudiu-o pelo braço” (Rui). “*Caminhâmos para* casa, e não

trocámos palavra” (Camilo). || 7. Progredir (*intr.; trans. ind., com prep. a, em, sobre*): “Nada; aquilo não *caminha*” (Castilho). “Os povos, segundo esta doutrina deshonrosa ou sequer desconsoladora para a humanidade, não podem *caminhar* sem que um rei ou imperador os conduza pela mão” (Latino Coelho). “Desde então o poder otomano *caminhara* despejadamente *ao* seu maior esplendor” (Id.). “E a lua *caminhava no céu* levando a noite” (C. Neto). “Restava, para completar o seu trabalho, oferecer aos que pretendessem *caminhar sobre* os seus vestígios alguma parte daquilo com que êle mesmo se nacionalizara.” (FREIRE, 1939)

Entretanto, no Brasil das décadas de 1930 e 1970, a ascensão das classes trabalhadoras e sua necessidade de conhecimento utilitário e objetivo confrontou o dicionário clássico e sua representação elitista da língua e da sociedade, substituindo-a pela indispensabilidade imediata do povo. Os dicionários tiveram, então, de se reinventar de maneira portátil, funcional e objetiva. Como exemplo desse tipo de dicionário, Nunes (2008, p. 364) cita o *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP), de Barroso e Lima, cuja acepção de “caminhar” está aqui transcrita para comparação com a anterior: “**Caminhar**, *v. t.* Percorrer *caminho* a pé; andar; *v. int.* percorrer, andando.” (BARROSO; LIMA, 1938).

Nos tempos atuais, a inclusão digital impulsionou o uso dos dispositivos eletrônicos e computacionais, fazendo com que, de maneira geral, os dicionários impressos fossem quase “aposentados”. As pessoas, atualmente, recorrem, de forma majoritária, a recursos de busca na internet, principalmente na plataforma Google, que, em parceria com a editora Oxford Languages, faz os verbetes virtuais para as buscas textuais da plataforma, como ilustrado pela imagem abaixo, que contém a definição do Google + Oxford Languages para o verbo “caminhar”:

Imagem 2 – Verbetes digital “caminhar”



Fonte: plataforma de busca Google, 2020.

O desenvolvimento da lexicografia brasileira já sofreu diversas reviravoltas, como indicado pela análise histórica apresentada anteriormente. O fato é que a confecção

de dicionários é uma tarefa séria, atribuída a estudiosos da linguagem, mas que deve ser pautada pela necessidade social, isto é, pelo modo como a comunidade de fala se relaciona não apenas com a sua língua, mas também com os instrumentos linguísticos. Embora a empreitada lexicográfica no mundo virtual ainda seja recente, as plataformas digitais foram alçadas, na atualidade, ao posto de veículo mais consultado no que tange ao registro lexicográfico das línguas. É necessário, portanto, prestar atenção nessas plataformas para que o desenvolvimento dos “dicionários” virtuais seja empreendido de maneira eficiente e por profissionais capacitados, para atender as necessidades das pessoas que evoluem com a tecnologia, a passos largos.

4 O CONFLITO CONTEMPORÂNEO

Com o propósito de ilustrar a importância dos dicionários formais, apresentamos uma polêmica envolvendo o significado de palavras no dicionário, ocorrida em setembro de 2020. A polêmica ocorreu a partir de uma reclamação feita pela cantora Anitta sobre a definição da palavra “patroa” na plataforma de buscas *Google*, a qual permite consultar o significado de palavras por meio de uma parceria estabelecida com a empresa britânica *Oxford Languages*, subsidiária da Universidade de Oxford.

A reclamação se dá pela definição da palavra “patroa” constar na plataforma como “mulher do patrão” ou “dona de casa” ao passo que o significado da palavra “patrão” está como “proprietário ou chefe de um estabelecimento”. Em vídeo postado em uma mídia social, a cantora comentou que “patroa” era o feminino da definição de “patrão” e que não acreditava que aquilo, referindo-se à definição da palavra, estava em nosso dicionário.

A primeira questão importante ao se tratar dessa polêmica é que o dicionário do *Google* não é de forma alguma um dicionário formal da língua portuguesa, nem deve ser tratado como tal. Ademais, a importância de a plataforma trazer em si uma ferramenta de busca de significados está para uma democratização do acesso, permitindo uma consulta virtual rápida, a qual deve ser feita tendo em vista um caráter mais informal. O dicionário do site é mais uma ferramenta que um dicionário em si, todavia, devido à fácil disseminação de informação da plataforma, pode dar a impressão ao público de ser uma fonte reconhecida em seu caráter lexicográfico, o que muitas vezes leva pessoas, como a cantora, a se referir a plataforma como “nosso dicionário”.

A definição de “patroa” como o feminino de “patrão” consta dos dicionários normativos, isto é, aqueles de editoras, que não se constituem apenas de uma ferramenta de busca digital. O Dicionário Michaelis define patroa como “proprietária de qualquer tipo de empresa: industrial, comercial, agrícola ou de serviços, em relação a seus empregados” (MICHAELIS, 2020, *online*), exatamente o feminino da definição de patrão no mesmo dicionário: “proprietário de empresa, fábrica, oficina, fazenda etc., em relação a seus empregados; empregador” (MICHAELIS, 2020, *online*). O dicionário traz ainda as definições de patroa como sinônimo de esposa e como um tratamento respeitoso, mas sinaliza que são acepções coloquiais, além de trazer um último significado como “mulher do patrão”, por ser um significado comum para gerações de pessoas mais velhas. Da mesma forma, o Dicionário Houaiss traz também essas definições,

espelhando o significado de “patrão”, em seu verbete: “1. A mulher do patrão 2. A dona de casa 3. Mulher que dirige certos estabelecimentos ou serviços 4. Mulher casada, em relação ao marido; esposa 5. Como interlocutório pessoal” (HOUAISS, 2020, *online*).

A presença de significados mais arcaicos para a palavra, como “esposa” ou “mulher do patrão”, parte de uma das funções do dicionário: catalogar a mudança linguística das palavras de uma língua ao longo da história. Além disso, a cristalização do significado de uma palavra não ocorre rapidamente; é um processo demorado que deve partir de uma parcela significativa de seus falantes para que seja considerado efetivamente em uso, até mesmo como gíria.

Um exemplo claro de ressignificação é a palavra “propina”. Atualmente, a palavra é utilizada exclusivamente para se referir à persuasão usando dinheiro, mas seu significado original é muito mais próximo de gorjeta e gratificação, como apresenta o Dicionário Houaiss (2020), além de alguns lusitanismos incomuns no Brasil, como “taxa que se paga ao Estado em certas escolas, para abertura de matrícula, realização de exames etc.” e “em determinadas agremiações, joia paga por um novo associado” (HOUAISS, 2020, *online*).

Nesse contexto, os dicionários representam um papel de extrema importância, uma vez que, além de serem instrumentos de consulta e correção linguística para a norma padrão, registram o percurso dos vocábulos através da história, catalogando os usos dos lexemas em diversos contextos e tempos linguísticos, além do curso da evolução de pensamento das comunidades de fala. Sylvain Auroux nomeia essa relação como hiperlíngua, referindo-se “não à língua de forma abstrata, mas sim, ao espaço-tempo onde se encontram os sujeitos falantes e onde se inserem também os instrumentos linguísticos, que transformam as relações que esses falantes entretêm com a língua.” (NUNES, 2008, p. 356). Instrumentos linguísticos como os dicionários seriam, então, verdadeiros retratos do estado de evolução das línguas, pois registrariam (e ajudariam a criar) espaços-tempo relativamente homogêneos nas línguas, auxiliando os pesquisadores (e falantes em geral) a entender o percurso evolutivo do português, além do uso diacrônico de seus vocábulos e os processos mentais envolvidos nesses usos, evidenciando o sistema semiótico de crenças e valores dos falantes em dado período histórico da língua.

Retomando a polêmica, o significado de “patroa” no dicionário do *Google* foi posteriormente equiparado ao que estava em “patrão”. Em nota, a empresa *Oxford Languages* respondeu às reclamações de Anitta, afirmando:

Adotamos uma série de mudanças para deixar as definições ainda mais claras e úteis para os usuários. No caso do termo 'patroa', a definição não estava mais refletindo o uso contemporâneo pelos falantes de português do Brasil, e, por isso, este verbete foi atualizado. [...] Criar e manter um dicionário é uma tarefa eterna, que não acaba nunca. Ela deve se basear no objetivo de registrar e refletir uma língua com precisão. Para fazer isso, as sugestões e opiniões das pessoas reais, que usam o idioma no dia a dia, são uma contribuição indispensável. (CORRÊA, 2020, *online*)

Considerando o caráter informal da plataforma, é coerente que apenas significados atuais sejam mantidos. Todavia, dicionários formais ainda devem ser a fonte principal de consulta para situações como essa que foi apresentada. Portanto, era uma questão de a plataforma estar desatualizada, não os dicionários brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste artigo, foi perguntado ‘por que dicionários são importantes?’. É importante tratar da constituição do dicionário como um instrumento linguístico em interface com a sociedade e o tempo. Nas palavras de Faraco (2019, p. 16), “as sociedades têm história. É no interior dessas totalidades que as línguas existem.” Portanto, é inegável a conexão entre o desenvolvimento de obras lexicográficas e os ideais que relacionam idioma e nação, partindo de uma noção da língua como fator de unicidade cultural de um povo, o que ajudou a fortalecer o estado-nação soberano nos moldes que temos hoje. Nessa perspectiva histórica, o português passou por um longo trajeto até ser valorizado como língua própria, isto é, a língua do estado-nação de Portugal e, posteriormente, do Brasil e de seu povo.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo; LIMA, Hildebrando. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

CORRÊA, Bárbara. Dicionário parceiro do Google muda definições de 'patroa' e 'mulher solteira'. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo: 17 set. 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,dicionario-parceiro-do-google-muda-definicoes-de-patroa-e-mulher-solteira,70003441660>. Acesso em: 12 dez. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. Sociedade, estado-nação, língua, cultura. *In*. **História do Português**, 2019.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: A Noite, 1939-1944

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patr%C3%A3o/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

NUNES, J. H. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngües no Brasil. *In*: I. S. Lima, L. Carmo (org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 353-374.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista – discurso do confronto**: Velho e Novo Mundo. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Cortez, 1990.

PATROA. *In*: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2. Acesso em: 02 dez. 2020.

PATROA. *In*: **Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/patroa/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

PROPINA. *In*: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#3. Acesso em: 02 dez. 2020.

RUBIM, Braz da Costa. **Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial, 1853.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. *In*: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Pontes, 2002, p.15-64.